

DESDE QUE NÃO SOMOS MAIS TRÁGICOS: NIETZSCHE, CRÍTICO DA EDUCAÇÃO MORAL E IMORALISTA

Ana Carolina da Costa e Fonseca

Bacharela em Direito (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS)
Mestre e doutoranda em Filosofia (UFRGS)
(atualmente realizo estágio de doutoramento na Humboldt Universität em Berlin)
ana@orion.ufrgs.br

Resumo

A partir de uma passagem de *O crepúsculo dos ídolos*, discute-se o que Nietzsche entende por moralidade, de que modo a pretensão de melhorar os seres humanos pela educação moral transforma-os em animais de rebanho, bem como, por que educar moralmente significa domesticar. Por fim, discute-se em que sentido Nietzsche é um imoralista.

Abstract

This article discusses Nietzsche's conception of morality, concerning specially the relation between the human being improvement and its moral education. The latter transforms them in flock animals. It is also discussed why to educate means to domesticate. Finally, it is argued in what sense Nietzsche is an immoralist.

Nietzsche - educação - moralidade

DESDE QUE NÃO SOMOS MAIS TRÁGICOS: NIETZSCHE, CRÍTICO DA EDUCAÇÃO MORAL E IMORALISTA

Ana Carolina da Costa e Fonseca (UFRGS)

Nietzsche considera Sócrates o criador da moral como um problema devido à sua pretensão de distinguir o bem do mal de modo absoluto. Durante o período trágico, bem e mal eram aspectos da mesma ação. Neste trabalho, discute-se inicialmente o problema da moralidade em relação ao significado da atribuição de valor moral às ações, em especial, em relação ao significado da pretensão de melhorar a humanidade pelo ensino do valor atribuído às ações. Após, expõe-se em que consiste a imoralidade de Nietzsche e seu critério para avaliar as ações. Por fim, discute-se o novo problema filosófico que Nietzsche nos propõe, bem como, em que sentido a educação moral acarreta o surgimento de um determinado gênero humano, o animal de rebanho, que se compara com o tipo humano trágico. Toma-se por ponto de partida a seguinte passagem:

Em todos os tempos quis-se “melhorar” os homens: este anseio antes de tudo chamava-se moral. Mas sob a mesma palavra escondem-se todas as tendências mais diversas. Tanto a domesticação da besta humana quanto a criação de um determinado gênero de homem foi chamada “melhoramento”. (CI, Os “melhoradores” da humanidade, 2; KSA, v. 6, p. 99) (está grifado no original). Destacam-se as expressões “moral”, “melhorar os homens”, “domesticação”, e “criação de um determinado gênero de homem”, que são utilizadas como fio condutor deste trabalho e discutidas em comparação com outras passagens da obra de Nietzsche.

Entende-se moral ou moralidade como conjunto de regras de conduta. A moralidade estabelece os comportamentos considerados adequados e os comportamentos considerados inadequados para os seres humanos nas suas relações com outros seres humanos e consigo mesmos, ou seja, “com base na sua determinação vigente [da moralidade] é decidido se uma ação é moral ou imoral” (HDH I, 42; KSA, v. 2, p. 65-66). Fazem-se juízos de valor a respeito das ações, que são, de fato, interpretações. Nesse sentido, a afirmação “[n]ão existem fenômenos morais, apenas uma interpretação moral dos fenômenos” (BM, 108; KSA, v. 5, p. 92) significa que às ações em si não corresponde um valor moral, ao contrário, o valor decorre da interpretação. “O que quer que tenha valor no mundo de hoje não o tem em si, conforme sua natureza - a natureza é sempre isenta de valor: - foi-lhe dado, oferecido um valor, e fomos nós esses doadores e ofertadores!” (GC, 301; KSA, v. 3, p. 540) (está grifado no original). As ações são valoradas porque os seres humanos as interpretam e atribuem um valor à sua interpretação, desse modo, não a ação em si, mas a interpretação da ação revela uma moralidade. A crítica de Nietzsche à moralidade é uma crítica tanto à criação da moralidade e sua conseqüente problematização, como à valoração decorrente da moralidade. Tem-se, portanto, a criação de uma moralidade decorrente da suposição de que as ações podem ser valoradas positiva ou negativamente de modo absoluto como a primeira etapa do problema da moralidade.

Após o ser humano saber que deve agir moralmente, ou seja, que deve agir de acordo com as condutas ditas boas, ou morais, ele estabelece um modo de ensinar a todos a maneira de se conduzir moralmente. Educação moral é o modo pelo qual alguns seres humanos ensinam a maioria a agir moralmente. Agir moralmente significa, usualmente, agir de uma maneira melhor. Nietzsche, contudo, considera essa afirmação equivocada. Para Nietzsche, a educação moral torna o ser humano escravo porque ensina o ser humano a agir de maneira homogeneizada: suprime-se o diferente, o que pulsa em cada um tornando-o um indivíduo. Nietzsche menciona alguns modos de educação moral.

A prolongada sujeição do espírito, a desconfiada coerção na comunicação dos pensamentos, a disciplina que se impôs o pensador, a fim de pensar sob uma diretriz eclesiástica ou cortesã ou com pressupostos aristotélicos, a duradoura vontade espiritual de interpretar todo acontecimento segundo um esquema cristão, o redescobrir e justificar o Deus cristão em todo e qualquer acaso essa tirania, esse arbítrio, essa extrema e grandiosa estupidez educou o espírito; ao que parece, a escravidão é, no sentido mais grosseiro ou no mais sutil, o meio indispensável também para a disciplina e cultivo espiritual. (BM, 188; KSA, v. 5, p. 109) (Está grifado no original.)

Pela educação moral pretende-se tornar o ser humano melhor. O “melhoramento” consiste em adequar o comportamento humano aos comportamentos estabelecidos como aceitáveis. Isso acarreta a aniquilação do indivíduo devido a i) limitar o ser humano a preceitos conhecidos e aceitos por alguns, ii) impor aos seres humanos valores que eles não escolheram para si. Com a moralidade, consideram-se morais apenas os seres humanos que agem de acordo com o padrão de ser humano moral criado pelo próprio ser humano. Para Nietzsche, melhorar é sinônimo de domesticar. É preciso ressaltar que apesar do esforço empreendido por muitos pensadores, o ser humano ainda não chegou a um consenso sobre qual é o padrão de conduta humana desejável. Se houver um padrão de conduta humana que possa ser descoberto pela razão, a busca desse padrão é justificável. Porém, a defesa de

que o ser humano deve ser o criador de seus próprios valores pressupõe que não haja valores absolutos. Se houver valores absolutos não é possível que o ser humano haja moralmente e crie seus próprios valores simultaneamente.

Nietzsche utiliza a palavra domesticação, que se refere ao que os seres humanos fazem com os animais irracionais, para se referir ao que seres humanos fazem com outros seres humanos. Domesticar é adequar as atitudes do animal - irracional ou racional - que está sendo domesticado à conveniência do animal - racional, ou seja, do ser humano - que está domesticando, de modo a tornar as atitudes do primeiro agradáveis e compatíveis com as expectativas do segundo. Os animais não se tornam melhores porque são domesticados, eles se tornam o que os seres humanos gostariam que eles fossem. Após serem domesticados, os animais perdem suas características naturais, o que acarreta o surgimento de um novo animal tão inofensivo quanto impotente.

Chamar a domesticação de um animal seu “melhoramento” soa, para nós, quase como uma piada. Quem sabe o que acontece nos amestramentos em geral duvida de que a besta seja aí mesmo “melhorada”. Ela é enfraquecida, tornam-na menos nociva, ela se transforma em uma besta doentia através do afeto depressivo do medo, através do sofrimento, através das chagas, através da fome. - Com os homens domesticados que os sacerdotes “melhoram” não se passa nada diferente. (CI, Os “melhoradores” da humanidade, 2; KSA, v. 6, p. 99) (Está grifado no original.)

O que se entende por educação moral, Nietzsche considera uma forma de domesticação. Melhorar equivale a enfraquecer e acarreta o enfraquecimento do ser humano. Tornar o ser humano adequado significa homogeneizar suas ações, ou seja, substituem-se a criatividade e os impulsos por padronizações. O ser humano melhor é fraco e deixa de ter sua capacidade de autodeterminação. A tentativa de agir constantemente de acordo com o instituído ocasiona o esquecimento da sua condição de ser humano que deseja e cria. Seu desejo passa a ser apenas o de se adequar, sua vontade de potência é esquecida, há vontade de ser igual, ou vontade de não-ser.

[Q]ue ingenuidade patética é em geral dizer que o “homem deveria ser de tal ou tal modo!” mesmo quando o moralista se volta simplesmente para o indivíduo e lhe diz: “tu deverias ser de tal e tal modo!”, ele não deixa de se tornar risível. (...)

Dizer-lhe [ao indivíduo] “transforma-te” significa exigir que tudo se transforme, até mesmo ainda o que ficou para trás... E, realmente, houve moralistas conseqüentes; eles queriam os homens diversos, mesmo virtuosos, eles os queriam à sua imagem, mesmo beatos: para tanto eles negavam o mundo! (...) a moral é uma idiosincrasia de degenerados que provocou muitos e indizíveis danos!... Nós outros, nós imoralistas, ao contrário, abrimos amplamente nosso coração para todo tipo de entendimento, compreensão e aprovação. Não negamos facilmente, buscamos nossa honra no fato de sermos afirmativos. (CI, Moral como contranatureza, 6; KSA, v. 6, p. 86-87) (Está grifado no original.)

Para ser afirmativo é preciso superar o medo ou o temor. Devido ao sentimento de medo, o ser humano comportar-se da maneira que lhe parece ser a mais segura. A moral provoca no ser humano uma sensação de segurança, por isso “o temor é aqui novamente o pai da moral” (BM, 201; KSA, v. 5, p. 122). Atendo-se à moral, o ser humano sabe como agir - ele não se surpreende consigo mesmo - e sabe como os outros podem agir - as atitudes alheias são compreensíveis e previsíveis. A moral passa a ser um padrão e torna qualquer análise particular desnecessária. É preciso

apenas conferir se determinada ação está elencada como uma ação de acordo com os critérios morais. Se estiver, recebe o rótulo de moral, se não estiver, de imoral.

Educar moralmente significa negar a vida. Contra a moralidade vigente, Nietzsche propõe a imoralidade afirmativa, que não nega a vida pelo estabelecimento de padrões criados pelo próprio ser humano e ditos superiores após sua criação. Os padrões ditos superiores negam a vida por dois motivos: por negarem sua origem humana, ou seja, por negarem que os seres humanos possam ser criadores de valores; e por pretenderem limitar as ações humanas às ações consideradas morais. A superação da moral - e da educação moral - poderá ocorrer, afirma Nietzsche, pela superveniência de um período extramoral, no qual os conceitos serão considerados além do bem e do mal. Desse modo, seres humanos voltarão a ser afirmativos em relação à vida, como o tipo humano trágico fora outrora (BM, 32; KSA, v. 5, p. 51).

Nietzsche critica a moralidade decorrente da distinção entre bom e mau, mas ele mesmo distingue o que é bom do que é mau. “O que é bom? - Tudo o que aumenta o homem no sentimento de poder, a vontade de poder, o próprio poder. O que é mau? - Tudo o que nasce da fraqueza.” (AC, 2; KSA, v. 6, p. 170) Esta atitude é aparentemente contraditória, pois Nietzsche estabelece critérios para que se interprete as ações e para que se considerem algumas ações boas e outras más. Contudo, a diferença entre Nietzsche e os filósofos que o precederam, é que Nietzsche considera que a vida deve ser o critério de julgamento das ações, isto é, a vida deve ser o critério de julgamento da própria vida. Ter a vida como critério de julgamento significa “permanecer fiel à terra” (Z, I, Prefácio de Zarathustra, 3; KSA, v. 4, p. 15).

A distinção entre bem e mal compõe o processo de simplificação das relações no mundo. Simplificam-se critérios de avaliação das ações próprias e das ações alheias classificando as ações em duas categorias: bom e mau. Essa distinção considera que ser ou bom ou mau é intrínseco à própria ação. Nietzsche pergunta sobre os motivos pelos quais as ações precisam ser distinguidas e classificadas em boas e más.

Exigindo que os filósofos se coloquem para além do bem e do mal, e exigindo que os filósofos considerem o ilusório e o criado como ilusório e criado, e não como dado e absoluto, Nietzsche não está fazendo o mesmo que já foi feito. Ele não está criando valores e pretendendo que todos creiam nos mesmos valores. Se Nietzsche oferecesse seus valores como válidos para todos, sua crítica não teria sentido, pois ele estaria agindo exatamente do modo como critica. Ao contrário, Nietzsche afirma ser possível escolher entre diversos valores, mas lembra que a criação dos próprios valores acarreta responsabilidade em relação aos valores criados.

Interpretar é valorar. “[E]m sua maior parte, o pensamento consciente de um filósofo é secretamente guiado e colocado em certas trilhas pelos seus instintos. Por trás de toda lógica e de sua aparente soberania de movimentos existem valorações, ou, falando mais claramente, exigências fisiológicas para a preservação de uma determinada espécie de vida.” (BM, 3; KSA, v. 5, p. 17). No mesmo sentido, em outra passagem, Nietzsche se refere aos valores e à moral como necessários para a conservação do ser humano. “Valores foi somente o homem que pôs nas coisas, para se conservar - foi ele somente que criou sentido para as coisas, um sentido de homem!” (Z, I, Dos mil e um alvos; KSA, v. 4, p. 75). A afirmação que se segue a uma interpretação que atribui valor a algo é uma valoração criada pelo ser

humano e, segundo Nietzsche, sua origem pode e deve ser investigada. Essa é a exigência de uma crítica dos valores morais para, por meio desta crítica, descobrir o valor dos valores, ou seja, descobrir como os valores em si são avaliados e valorados. A crítica do valor dos valores, isto é, a crítica do valor atribuído aos valores, explica por que o ser humano convencionou considerar o bom superior ao mau, e por que as ações são classificadas ou como boas ou como más. “[F]ica evidente que o mundo não é nem bom nem mau, e tampouco o melhor ou o pior, e os conceitos ‘bom’ e ‘mau’ só têm sentido em relação aos homens, e mesmo aí talvez não se justifiquem do modo como são habitualmente empregados...” (HDH I, 28; KSA, v. 2, p. 49). Nada é ou bom ou mau em si, todo valor atribuído a algo tem como origem o ser humano e sua interpretação. Nietzsche faz uma nova exigência: “Enunciemo-la, esta nova exigência: necessitamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão” (GM, prólogo, 6; KSA, v. 5, p. 253) (está grifado no original). A novidade desta exigência não está em ser outra exigência de Nietzsche, mas em ser uma nova exigência para a filosofia, um novo problema a ser resolvido.

Para colocar em questão o valor dos valores é necessário conhecer as condições de surgimento e desenvolvimento desses valores. Este é, segundo Nietzsche, “um conhecimento tal como até hoje nunca existiu nem foi desejado” (GM, prólogo, 6; KSA, v. 5, p. 253). Até Nietzsche o valor dos valores é considerado algo dado, que, por isso, não precisa ser questionado. Contudo, Nietzsche suspeita desse padrão de julgamento dos valores e pergunta o que aconteceria se o julgamento concluísse o oposto disso.

E se o contrário fosse a verdade? E se no “bom” houvesse um sintoma regressivo, como um perigo, uma sedução, um veneno, um narcótico, mediante o qual o presente vivesse como que às expensas do futuro? Talvez de maneira mais cômoda, menos perigosa, mas também num estilo menor, mais baixo?... De modo que precisamente a moral seria culpada de que jamais se alcançasse o supremo brilho e potência do tipo homem? De modo que precisamente a moral seria o perigo entre os perigos? (GM, prólogo, 6; KSA, v. 5, p. 253) (Está grifado no original.)

A obra de Nietzsche é um sonoro sim a estas questões. O bom é sintoma de regressão, de perigo, ele seduz e envenena pelo que promete, pela superioridade que sugere conter em si. Nietzsche inverte a perspectiva de análise dos conceitos bom e mau, com isso evidencia que há um valor dos valores morais e considera toda interpretação uma valoração. Nietzsche critica a moralidade como uma criação humana e investiga sobre sua origem. Contudo, critica-se a moral não por ela ser criação humana, mas porque sua origem humana é esquecida, porque alguns seres humanos criam valores para si e para os outros e porque a maioria dos seres humanos adota valores alheios sem compreender o que justifica a escolha desses valores, ou seja, sem tomá-los para si. Desse modo, agem como se fossem animais de rebanho.

Ser animal de rebanho significa agir do modo como os outros agem, e com isso, eliminar o que há de único em si. O ser humano que é chamado animal de rebanho não é um indivíduo com características e vontades próprias. Ao contrário, ele é mais um entre os membros de uma coletividade, ao qual se impõe que aja, pense e julgue moralmente como todos. A moral estabelece um limite além do qual o ser humano não pode aspirar, pois além deste limite o ser humano não é mais controlado e deixa de compor o rebanho. Esse limite dá segurança aos seres humanos enfraquecidos i) porque estabelece as condutas que podem ser escolhidas

como condutas próprias, ii) porque torna as ações alheias previsíveis. Sabendo como o outro agirá, o ser humano enfraquecido sabe como deve reagir. [O] que aqui julga saber, o que aqui se glorifica com seu louvor e seu reproche, e se qualifica de bom, é o instinto do animal de rebanho do homem: o qual irrompeu e adquiriu prevalência e predominância sobre os demais instintos, fazendo-o cada vez mais, conforme a crescente aproximação e assimilação fisiológica de que é sintoma. Moral é hoje, na Europa, moral de animal de rebanho.... (BM, 202; KSA, v. 5, p. 124) (Está grifado no original.)

Animais de rebanho são seres educados moralmente, que aceitam essa educação e agem de acordo com ela. Eles são ditos animais porque sua racionalidade é necessária apenas para a identificação de padrões e para que as próprias condutas possam ser adequadas a esses padrões. Eles são ditos de rebanho porque agem como membros de uma coletividade homogeneizada.

O enfraquecimento do espírito humano é a causa da distinção entre bom e mau. Os animais de rebanho precisam de critérios objetivos e externos para avaliar ações próprias e alheias porque não conseguem ser criadores de seus próprios valores. Enquanto o ser humano nobre cria valores para si, o ser humano enfraquecido, animal de rebanho, vive de acordo com os valores criados por outros e torna-se, desse modo, previsível. A previsibilidade ameniza o medo do ser humano fraco em relação ao horror do mundo. A moral é criação do ser humano enfraquecido que não consegue conviver com a incerteza da realidade efetiva e, desse modo, a moral revela o instinto de rebanho.

Instinto de rebanho. - Onde quer que deparemos com uma moral, encontramos uma avaliação e hierarquização dos impulsos e atos humanos. Tais avaliações e hierarquizações sempre constituem expressão das necessidades de uma comunidade, de um rebanho: aquilo que beneficia este em primeiro lugar - e em segundo e terceiro - é igualmente o critério máximo quanto ao valor de cada indivíduo. Com a moral o indivíduo é levado a ser função do rebanho e a se conferir valor apenas enquanto função. Dado que as condições para a preservação de uma comunidade eram muito diferentes daquelas de uma outra comunidade, houve morais bastante diferentes; e, tendo em vista futuras remodelações essenciais dos rebanhos e comunidades, pode-se profetizar que ainda aparecerão morais muito divergentes. Moralidade é o instinto de rebanho do indivíduo. (GC, 116; KSA, v. 3, p. 475) (Está grifado no original.)

Diferentes grupos reagem de diferentes modos em relação à realidade efetiva. As diferentes reações expressam-se por diferentes moralidades. Grupos que atribuem às diferentes moralidades papel uniformizador do comportamento são grupos com instinto de rebanho. As moralidades são criadas para justificar ações suportáveis e para proibir a manifestação do insuportável. Elas são diferentes porque o considerado insuportável varia no tempo e no espaço. Contudo, as moralidades têm em comum a negação do instinto criador do ser humano, que, segundo Nietzsche, é parte constitutiva do tipo humano que afirma a vida.

Existem morais que pretendem justificar perante os outros o seu autor; outras morais pretendem acalmá-lo e deixá-lo contente consigo mesmo; com outras ele quer crucificar e humilhar a si mesmo; com outras ele quer vingar-se, com outras esconder-se, com outras transfigurar-se e colocar-se nas alturas; essa moral serve para o autor esquecer, aquela, para fazê-lo esquecer de si mesmo ou de algo de si; alguns moralistas gostariam de exercer sobre a humanidade seu poder e seu capricho criador.... (BM, 187; KSA, v. 5, p. 107)

A origem da necessidade de distinção entre bem e mal é atribuída a Sócrates.

Sócrates não sabe quais ações podem ser ditas boas e quais ações podem ser ditas más, mas ele acredita que o ser humano possa saber. Segundo Nietzsche, por influência socrática, as sociedades ocidentais aceitam a existência da distinção entre bem e mal e dividem as ações em boas e más. Não apenas nossos pensamentos morais, mas a moral como um problema, surge com Sócrates (BM, 191; KSA, v. 5, p. 112). Esse é um dos aspectos pelos quais se distinguem os tipos humanos trágico e socrático. Depois de ocorrido o primeiro ato de criação, a moral se transmite e transforma-se por diversas formas de educação. Os sucessivos atos de transformação correspondem às diversas formas de educação moral.

Nietzsche se considera um filósofo que cria valores e reconhece que outros filósofos também criam valores. Podem-se criar valores que afirmem e valores que neguem a vida, para si e para os outros. Nietzsche cria valores para si e propõe que cada indivíduo seja criador de seus próprios valores. “Nós, porém, queremos nos tornar aqueles que somos - os novos, únicos, incomparáveis, que dão leis a si mesmos, que criam a si mesmos!” (GC, 335; KSA, v. 3, p. 563) (Está grifado no original.) “Vede bons e justos! Quem eles odeiam mais? Aquele que quebra suas tábuas de valores, o quebrador, o infrator: - mas este é o criador. Vede os crentes de toda crença! Quem eles odeiam mais? Aquele que quebra suas tábuas de valores, o quebrador, o infrator: - mas este é o criador.” (Z, I, Prefácio de Zaratustra, 9; KSA, v. 4, p. 26). Ser criador de valores acarreta ser responsável por suas próprias escolhas, desse modo, não há qualquer tipo de educação moral na filosofia deste imoralista. Nietzsche substitui o ensino de uma moralidade, como um conjunto de valores, pelo ensino do desenvolvimento da capacidade de criar valores.

Referências bibliográficas

- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Kritische Studienausgabe*. Organizado por Giorgio Colli eazzino Montinari. Berlin: de Gruyter, 1999. 15 v.
- _____. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *Assim falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.
- _____. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. *Crepúsculo dos Ídolos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- _____. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. *O Anticristo*. Lisboa: Edições 70, s.d.